HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: USOS DOS ESPAÇOS NA CIDADE DE MANAUS

HISTORY AND MEMORIES: USES OF SPACES IN MANAUS

HISTORIAS Y RECUERDOS: USOS DE LOS ESPACIOS EN MANAOS

Patrícia Rodrigues Silva[1]

Resumo: O artigo propõe uma reflexão acerca da constituição da cidade a partir da utilização e dos sentidos diversos que os espaços citadinos adquirem para os diferentes grupos sociais que os ocupam. Refletindo especificamente acerca da chamada área da "Manaus Moderna" que se localiza no centro da cidade de Manaus/AM, busca-se evidenciar, a partir de falas de diferentes sujeitos, uma cidade heterogênea, configurada a partir de uma multiplicidade de vivências e experiências que se relacionam das mais diversas maneiras.

Palavras-chave: história; trabalho; cidade; trabalhadores; fontes orais.

Abstract: This paper proposes a reflection on the constitution of the city from the use and the various senses that the townspeople spaces acquires for different social groups that occupy them. Thinking specifically about the area called "Modern Manaus" which is located in the city of Manaus/AM (Manaus downtown), we seek to demonstrate, from the speech of different subjects, a heterogeneous city, configured from a multiplicity of experiences and learning which are related in various ways.

Key words: history; work; city; workers; oral sources.

Resumen: El articulo propone una reflexión sobre como la ciudad se constituye a partir de la utilización de los espacios urbanos y el sentido que adquieren para los diferentes grupos sociales que los ocupan. Reflexionando especialmente sobre la llamada "Manaos moderna" zona ubicada en el centro de la ciudad de Manaos / Amazonas, procurando evidenciar, partiendo de declaraciones de diferentes testigos, una ciudad heterogénea configurada a partir de una abundancia de experiencias que se relacionan de las formas más diversas.

Palabras clave: historia; trabajo; ciudad; trabajadores; fuentes orales.

O Amazonas no último quartel do século XX passou por inúmeros

[1] Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil. E-mail: prhsilva@ig.com.br

projetos intervencionistas, que, pensados e implementados de fora[2], via de regra não tem contemplado as necessidades efetivas da população local. No bojo desses projetos, propagandeados como desenvolvimentistas, se consolida em 1967, a Zona Franca de Manaus por meio de um decreto-lei[3] trazendo grandes mudanças principalmente para a cidade de Manaus.

O crescimento demográfico e a "necessidade" de reorganização de sua espacialidade foram ocorrendo paulatinamente ao longo das décadas seguintes, trazendo mudanças nos modos de viver das pessoas. Também a área que hoje é conhecida como Manaus Moderna[4], vista como porta de entrada da cidade, sofreu muitas intervenções para que se adequasse à nova lógica que se impunha, trazendo, com isso, transformações fundamentais para os modos de viver na cidade de Manaus.

Manaus chama a atenção pelo seu meio ambiente social: grandes monumentos no centro da cidade - como o Teatro Amazonas, o Mercado Municipal Adolpho Lisboa, o "Porto Flutuante" - são "lugares da memória"[5] de um tempo de opulência econômica que prevaleceu sobre outras memórias[6], seus inúmeros igarapés que entrecortam a cidade (em sua grande maioria, se não todos, poluídos) são depósitos de lixo e esgoto das também inúmeras palafitas que se estendem ao longo de muitos deles, nas encostas e até mesmo dentro deles, tornando a paisagem da cidade bastante peculiar.

---

[2] Muitos autores tem mostrado o processo de intervenção na economia e território amazônico no século XX a partir do planejamento do governo central. Ver por exemplo, os clássicos estudos de: IANNI (1979); BECKER(1982, 2009).

[3] A Zona Franca de Manaus foi idealizada pelo deputado federal Francisco Pereira da Silva e criada pela Lei nº 3.173, de 6 de junho de 1957, como Porto Livre. Dez anos depois, o Governo Federal, por meio do Decreto-lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967, ampliou essa legislação e reformulou o modelo, estabelecendo incentivos fiscais por 30 anos para a implantação de um polo industrial, comercial e agropecuário, instituindo, assim, o atual modelo de desenvolvimento, que engloba uma área física de 10 mil km², tendo como centro a cidade de Manaus. "*Visando integrar a Amazônia à economia do país, bem como promover sua ocupação* e elevar o nível de segurança para manutenção de sua integridade, o Governo Federal, através do Decreto-Lei nº 291, de 28 de fevereiro de 1967, define a Amazônia Ocidental tal como ela é conhecida, abrangendo os Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima" (AMAZONAS, 2006, grifo nosso).

[4] A denominação "Manaus Moderna" está relacionada ao Projeto "Manaus Moderna" ("Programa de melhorias físicas do município de Manaus-AM"), que foi criado na segunda metade da década de 1980, pelo governo estadual, com financiamento do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), prevendo uma série de intervenções na área urbana de Manaus.

[5] Expressão utilizada por Pierre Nora (1993).

[6] Esses monumentos foram construídos no chamado período áureo da borracha (aproximadamente 1890-1920), e largamente documentados por historiadores tradicionais a partir de uma visão unilateral, a qual valorizava apenas a opulência desse período, o que vem sendo relativizado desde o final dos anos de 1980, com abordagens feitas a partir da História Social e da cidade. Ver, por exemplo: DIAS, Edineia Mascarenhas. *Op. Cit.* COSTA, Francisca Deusa Sena. *Op. Cit.* PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *op*. Cit.

A área da Manaus Moderna[7] se localiza no centro da cidade e compreende a avenida Beira Rio (ou Manaus Moderna), onde se encontram o Mercado Municipal, a Feira Manaus Moderna e o "Porto Flutuante", este, principal porta de entrada da cidade desde o século XIX (PINHEIRO, 2003). Essa área é reveladora de como a cidade é heterogênea, configurada a partir de uma multiplicidade de vivências e experiências que se relacionam das mais diversas maneiras.



Mapa1 – Área da Manaus Moderna (Fotografia do Satélite)[8]

Fonte: Manausonline (2009)

Ao caminhar pela área do porto (área da Manaus Moderna) pode-se ver dividindo o mesmo espaço muitos sujeitos sociais como: estivadores[9],

[7] A avenida se localiza na área portuária da cidade, iniciando bem ao lado do terminal de cargas e descargas do Porto Flutuante de Manaus, e se estende até a ponte que dá acesso ao bairro de Educandos, margeando, de um lado, o rio Negro e, do outro, o bairro dos Remédios, inclusive passando em frente à Feira Cel. Jorge Teixeira, ou como é mais conhecida, Feira Manaus Moderna.

[8] Legenda: 1 – Igreja Na. Sra. Dos Remédios; 2 – Terminal de Cargas e descargas do Porto Flutuante de Manaus; 3- Mercado Municipal Adolpho Lisboa; 4 – Feira Manaus Moderna; 5 – Estacionamento da Feira Manaus Moderna; 6 – Feira da Banana; 7 Avenida Manaus Moderna; 8 – Avenida Marquêz de Santa Cruz

[9] Esses trabalhadores foram objeto de estudo de Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2003), no

carregadores, motoristas de caminhões que vêm despachar/receber cargas de várias partes do Brasil e do mundo, taxistas, prostitutas, vendedores ambulantes, feirantes, catadores, todos eles, muitas vezes, frequentadores dos inúmeros bares que se estendem por vasta parte dessa área, convivendo com um intenso trânsito de viajantes que chegam ou vão para o interior do estado, turistas que chegam de diversas partes do país e do mundo. São sujeitos que estabelecem as mais variadas relações entre si e que, no cotidiano, vão "modelando", marcando a cidade a partir de suas experiências e concepções de vida. Entende-se que compreender a História da cidade é compreender os sentidos das transformações dos espaços e também os sentidos que esses espaços adquirem para os diferentes setores da sociedade.

Este artigo insere-se numa pesquisa mais vasta onde se buscou apresentar uma análise e uma reflexão sobre os sentidos sociais e históricos das transformações da cidade de Manaus no período de 1967 a 2010, tendo-se como objeto específico as transformações do espaço que se estende do terminal de cargas do Porto Flutuante de Manaus até o final da chamada Feira da Banana, na Avenida Manaus Moderna, ou seja, a área da Manaus Moderna, sob o ponto de vista das disputas ali travadas. Neste texto busca-se refletir acerca dos sentidos que a área Manaus Moderna adquire atualmente para um grupo de trabalhadores, frequentadores e moradores da área que a constroem cotidianamente. Interessa refletir esses grupos numa dinâmica mais ampla de sujeitos coletivos, com interesses e antagonismos que disputam a cidade.

A concepção de História que se parte é a que "leva em conta toda experiência humana" (KHOURY, 2002:17) onde se procura entender o fazer-se dos homens, mulheres, crianças etc., e sua cultura, aqui entendida como todo um modo de vida, ou seja, seus valores, tradições, esperanças, conflitos, perspectivas e práticas sociais. Em outras palavras, neste artigo, busca-se privilegiar sujeitos comuns que, embora efetivamente participem e constroem a História, nem sempre são colocados no centro da cena histórica.

Uma História que busca menos narrar fatos e acontecimentos, e mais dialogar com a multiplicidade de experiências vivenciadas cotidianamente por pessoas comuns. Neste sentido, importa lembrar que há tempos tem-se aprendido com Thomspson (1987:344) que "(...) ao acompanhar a mudança, descobrimos como chegamos ao que somos hoje. Compreendemos mais claramente o que foi perdido e o que se conservou "subterraneamente", o que ainda resta por resolver."

Ao vasculhar jornais locais de grande circulação das décadas de 1980 e 1990[10], foi possível perceber certa insistência do poder público municipal

período que vai do final do século XIX ao início do século XX.

[10] Os jornais em questão são, em especial, os diários: "A Crítica" e a "Notícia": "**A Crítica**", que tem como subtítulo "de mãos dadas com o povo", circula em Manaus desde 1949 e foi

em retirar os comerciantes daquela área (nesse interstício, houve pelo menos duas grandes retiradas, uma em 1980 e outra em 1991), sob a justificativa de "organizar" a porta de entrada da cidade. Instigava compreender em meio a que disputas aconteceram e como foram vivenciadas aquelas transformações ao longo do processo histórico na cidade de Manaus.

A área da Manaus Moderna, ou Avenida Beira Rio, foi se mostrando assim como um espaço emblemático e vital para a cidade. Foi, e ainda é, um espaço dos modos de viver e trabalhar de muitos grupos sociais.

Um dos aspectos importantes é o fato de ser por esse porto que centenas de pessoas chegam ou partem para as cidades do interior e também para outros estados da região Norte do país. Para essas pessoas, a Manaus Moderna é a primeira e a última paisagem que elas veem da cidade. Também é pelo porto improvisado na Manaus Moderna que as mercadorias compradas pelos interioranos são levadas para as suas cidades para uso próprio ou para serem revendidas.

Ali também transitam turistas que partem para os hotéis de selva ou que estão em busca de elementos exóticos, ervas medicinais, frutas e outros alimentos comercializados no Mercado Municipal Adolpho Lisboa.

Outro aspecto fundamental no tocante a essa área é o abastecimento de gêneros alimentícios na cidade. É pelo porto improvisado da Manaus Moderna que chega a quase totalidade do abastecimento de hortigranjeiros consumidos em Manaus, produtos também comercializados na Feira Manaus Moderna. É na feira, e também fora dela, pelos ambulantes, que essas mercadorias são revendidas para os hiper, super e pequenos mercados de toda a cidade, e também para os restaurantes, lanchonetes e cafés. Assim, além de ser o espaço onde se realiza o abastecimento da cidade, é dessa área que muitas pessoas retiram a sua sobrevivência.

Ao lado do terminal de cargas do porto e de frente ao rio Negro, está localizado o Mercado Municipal, atualmente denominado Adolpho Lisboa, ou simplesmente Mercadão, como é conhecido localmente. Construído ali

idealizado por Umberto Calderaro Filho. Foi possível perceber que, ao longo do período pesquisado, o diário apresenta uma postura de defesa dos interesses das classe abastadas sob uma aparentemente neutralidade. Posicionou-se a favor da implantação da Zona Franca de Manaus e destacou-se na defesa de sua manutenção. Ao mesmo tempo em que defende a manutenção da Zona Franca, traz também muitas denúncias acerca das precariedades vivenciadas pelas populações desprivilegiadas da cidade.

[v] **A Notícia**": Sob o título "A NOTÍCIA - sempre presente nos subúrbios", iniciou suas atividades em 16 de abril de 1969, se colocando enquanto um jornal no qual o "humilhado também pudesse ter o direito de se defender". Sendo inaugurado em plena ditadura militar, "A Notícia" se apresentava numa perspectiva progressista, em que a iniciativa privada, em conjunto com o Estado, eram os responsáveis pelo progresso da nação. Deixava claro que seu objetivo era formar opiniões que se coadunassem com as "aspirações nacionais", esclarecendo, também, que as divergências de opiniões ou discordâncias não passariam pelo questionamento dos poderes constituídos.

no final século XIX, sua presença é indicativo de que não é recente a configuração daquele espaço como área de abastecimento de gêneros, como mostra Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2003).

A autora revela que a área do porto, que se constituía tradicionalmente num local de abastecimento de gêneros, passou por modificações no final do século XIX, "empurrando" para a área do Mercado e adjacências o comércio de gêneros. De acordo com a autora:

> A zona portuária buscava uma maior especialização, não permitindo mais a ocorrência de posturas já convencionais naquela área. [...] De igual modo, todo o pequeno comércio de gêneros vindos do interior foi deslocado, passando a ser comercializados na praia do mercado e seu entorno (PINHEIRO, 2003: 49).

Importa reafirmar que, desde o século XIX, havia uma ambição de diversos interesses e governos em disciplinar e normatizar essa área, e as indicações são de que determinados modos de viver e de trabalhar – as práticas de feira, por exemplo – teimam em disputar esse lugar, recriando, mesmo após diferentes intervenções, modos culturais de viver e trabalhar.

As relações históricas que envolvem a dinâmica da produção dos lugares/espaços na cidade constituem-se num lócus privilegiado para a análise histórica, pois possibilitam entender, a partir da produção e reprodução desses espaços, a constituição das relações sociais na cidade, com suas tensões e disputas.

Anne Cauquelin (apud BRESCIANI, 1992, p. 164) diz que:

> A matéria urbana forma-se pelo fio condutor da opinião, como transmissor de memórias, uma doxa vagabunda, mutável, portadora de pedaços de recordações, tanto históricas como pessoais, intimamente misturadas à escuta e à escrita, ao monumento e aos costumes.

Com essa citação, Maria Stella Bresciani (1992) remete à reflexão de que, constituindo e valorizando de forma diferenciada os espaços, diferentes grupos sociais vão definindo e redefinindo constantemente as feições da cidade, por meio de várias estratégias, na constituição dos espaços a partir de suas experiências/vivências, na luta pelo espaço físico, na construção de diferentes memórias.

Ao distinguir "lugar" e "espaço", Michel de Certeau (1994) aponta para a ideia de que o movimento condiciona a produção de um espaço. Segundo o autor, o "lugar" diz respeito ao estável, enquanto "o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres" (p. 202).

Vale observar que, pensado a partir da problemática do viver na cida-

de, um determinado "lugar" pode ser constituído de vários espaços, dentre os quais, espaço de lazer, espaço de sobrevivência/trabalho, espaço de turismo/patrimônio histórico, local de passagem, "atalho" para outros espaços, e até local de degradação, gerando a "necessidade" de recuperação, e, por isso, é aqui entendido como objeto de análise histórica.

Essas áreas ou territorialidades são configuradas, portanto, a partir de uma "guerra de lugares", como aponta Antônio Arantes (2000).

Para se compreender a constituição dessa gama de significados, faz-se necessário partir das experiências sociais edificadas naquele espaço. Assim,

> nesse espaço comum, cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, em uma palavra, ordenam as categorias ou os grupos sociais em suas múltiplas relações (ARANTES, 2000: 191).

Desse modo, tais espaços não podem ser entendidos por uma perspectiva apenas, ou como territórios cujos contornos identitários sejam únicos ou estejam claramente definidos. É preciso observar como eles vão sendo tecidos na experiência social, na vivência cotidiana das pessoas que ocupam e constroem esses espaços, seja física ou simbolicamente, criando múltiplos sentidos e significados.

É importante indicar, ainda, que essas territorialidades não devem ser entendidas simplesmente como um agrupamento de várias experiências ou vivências distintas, mas sim como um espaço onde múltiplos significados e sentidos se entrecruzam, criando "zonas simbólicas de transição [...] Mais do que territórios bem delimitados, esses 'contextos' ou 'ambientes' podem ser entendidos como zonas de contato, onde se entrecruzam moralidades contraditórias [...]" (ARANTES, 2000: 192).

É pela configuração desses espaços que a cidade se constitui, então, num amálgama de pessoas que vão articulando espaços e temporalidades diversas, formando esse todo onde as marcas materiais são apenas partes desse universo disforme e ao mesmo tempo articulado.

Para Antônio Arantes (2000: 200):

> O trabalho, a viração, o lazer e a vida cotidiana constituem a cidade como sucessão de lugares articulados no tempo e no espaço, vertical e horizontalmente, pela mediação de zonas de liminaridade, fluidas, ambivalentes. Os marcos visíveis que perduram, lugares de identidade, são apenas parte de uma realidade mais profunda e mais extensa que os contextualiza e desafia.

É dentro dessa perspectiva que se busca compreender os sentidos sociais e históricos atribuídos à área da Manaus Moderna, ou seja, percebendo

a cidade enquanto uma prática social que é resultante de um constante conflito de interesses.

A Manaus Moderna é reveladora de como a cidade é heterogênea, configurada a partir de uma multiplicidade de vivências e experiências que se relacionam das mais diversas maneiras, constituindo uma identidade específica na cidade, o que em muitos momentos foi interpretado, principalmente pelas elites políticas/econômicas, como uma desordem no espaço urbano.

No Amazonas, o final do século XIX[11] e a primeira década do século XX trouxeram uma aceleração econômica gerada pelo crescimento da demanda mundial do látex, produto da seringueira, árvore nativa da região. Manaus, sendo a capital do estado, seu principal ponto de chegada e saída, atraiu imensas levas de migrantes, sobretudo nordestinos, que em muitos casos, fugindo da seca, buscavam oportunidades em algum seringal.

A cidade passou por um significativo crescimento demográfico não acompanhado de infraestrutura e, consequentemente, com limitadas condições de abarcar tamanha dinamicidade. Por outro lado, seringalistas, principalmente estrangeiros enriquecidos da noite para o dia, demandavam mudanças no meio ambiente da cidade, buscando comodidade e diversão, copiando as novidades vindas da Europa e se espelhando no velho continente como modelo de desenvolvimento.

As intervenções no centro da cidade de Manaus se deram, pois, naqueles anos, seguindo as premissas europeias que já vinham sendo seguidas por outras cidades brasileiras, e trazendo como marca fundamental dessa metamorfose a exclusão de antigos moradores e trabalhadores pobres.

A segunda metade do século XX também foi marcada por intervenções no meio ambiente social de Manaus. Como já apontado anteriormente, com a instalação da Zona Franca de Manaus, uma nova lógica se apresentava à dinâmica da cidade, que passou por remodelações, atendendo aos interesses que se impunham. Manaus, de forma geral, e a área da "Manaus Moderna", de forma específica, são frutos dessas intervenções, que, em diferentes momentos, a partir do final do século XIX, foram se colocando em atendimento a interesses imediatos variados e a partir de concepções diversas.

Se por um lado essas intervenções tem sido concebidas e implementadas por grupos sociais que detêm o poder político e econômico, não se pode esquecer que tais intervenções urbanísticas são mediadas; às vezes aceitas, às vezes não, e até mesmo reelaboradas por diferentes personagens que, não fazendo parte dos grupos sociais que as concebem, intervém de forma efetiva no fazer-se urbano, uma vez que ocupam esses espaços e os disputam, compondo desta forma as "feições" da cidade.

[11] Desde o século XIX, as elites políticas e econômicas têm se preocupado com a "ordem e a disciplina" nos espaços citadinos. Assim, a vasta literatura sobre o assunto tem dado conta de que o esvaziamento da zona rural e o crescimento desordenado das cidades europeias, em função da industrialização no século XIX, geraram preocupações e intervenções, principalmente nos centros das grandes capitais.

As vivências e experiências destes sujeitos são importantes na medida em que permite perceber como essas feições são dinâmicas e portanto, não podem ser compreendidas por um viés apenas, uma vez que a cidade se configura a partir de uma "guerra de lugares", no dizer de Antônio Arantes (2000) e essa guerra de lugares pode ser flagrada e compreendida através de uma diversidade de fontes que, enquanto discursos evidencia posturas e interesses de diferentes setores da sociedade.

Com esse intuito utilizou-se aqui discursos publicados em jornais diários locais, fotografias e depoimentos de trabalhadores que vivenciam o cotidiano da Manaus Moderna. Desta forma acredita-se trazer importantes aspectos das subjetividades que tecem o fazer-se de homens e mulheres que constroem cotidianamente a Manaus Moderna.

Inicia-se com o depoimento de Josildo dos Santos (2010) que ganha a vida na Manaus Moderna como carregador de mercadorias. Ele conta que começou a trabalhar naquela região quando tinha 15 anos (na época, a avenida estava sendo construída), não como carregador, mas "*fazendo de tudo um pouco*". Vendia verduras que ganhava dos feirantes – ou que, muitas vezes, catava no lixo. Ficava próximo às bancas de verduras de algum conhecido e ajudava as "*madames a levar as verduras para o carro*", ganhando um "*trocadinho aqui e outro ali*", narrou ele. "*Fui me* ***profissionalizando*** *carregador*" (grifo nosso).

Nas falas dos depoentes, nota-se que as subjetividades descortinadas são de fato o elemento mais importante que essas fontes podem trazer (Portelli:1996). Nesta direção, através de seu depoimento foi possível compreender os sentidos atribuídos por este trabalhador à sua profissão. O Josildo faz questão de defender sua atividade enquanto uma profissão. Para ele, assim como para muitos outros carregadores que insistem em permanecer trabalhando naquela espacialidade a despeito dos inúmeros projetos para retirá-los, a prática cotidiana ao longo dos anos o foi profissionalizando e dando legitimidade para sua atividade e ocupação da área. Importa atentar que na contramão de discursos generalizadores que os querem longe dali, ele e outros defendem sua condição de profissional.

Outra importante questão apontada por este trabalhador é a autonomia. Segundo ele: "*Ninguém te manda, você mesmo faz seu horário, claro que se não chegar bem cedinho vai ficar sem trabalho, mas é tu que decide, tá me entendeno? Não tenho patrão pra me encher...*".

A referência de controle para esse trabalhador é o trabalho das fábricas da Zona Franca de Manaus com o horário controlado rigidamente pelo tempo do relógio além da imposição de hierarquia. O que se nota é que, para ele, não ter a figura do patrão controlando o seu tempo se constitui em importante elemento, mesmo que, se possa questionar que esse tempo acaba sendo controlado por inúmeras outras circunstâncias, como por exemplo, a grande concorrência que exige que ele esteja ali bem cedinho, ou mesmo os

"vários" patrões que o contratam para realizar algum carregamento.

Poder dizer não a um ou a outro, poder "faltar" ao trabalho sem cobranças externas atrai o Josildo e também outros carregadores. Assegura-se de que tem o controle de seu próprio tempo, ser dono de sua força de trabalho compõe aquilo que Portelli (1996) chama de seu universo de possibilidades expressivas "*e é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada"(p.8)*.

Ao ser questionado sobre o significado da Manaus Moderna, Josildo disse que:

> Olha, isso aqui pra mim é assim... Como eu te digo? Esse lugar aqui, as pessoa têm muito... é... preconceito com a gente, porque, de fato, é um lugar que a Senhora vê de tudo, é drogado, é bêbado, é trombadinha, né? É esse tumulto todo aqui, todo dia, todo dia... Mas eu te digo uma coisa, é daqui que eu tiro o pão de cada dia, né? Então, pra mim, a Manaus Moderna é muito importante. Se eles tirarem o porto aqui, como sempre fala que vai tirar, mais eu num acredito que tirem, a Senhora veja bem, como esse povo vai fazer pra sustentar a família com dignidade?

A fala do depoente expressa a forma como ele lida com as contradições colocadas em seu cotidiano. Sua fala dá contas, na materialidade de seu cotidiano, quais são as contradições com que ele e muitos outros trabalhadores lidam, e, fundamentalmente, expressa o preconceito sentido por ele pelos discursos generalizantes. Ao contar sobre os fatos de sua vida, Josildo faz questão de dar sua interpretação, mostrando como a área é composta uma multiplicidade vivências e que ele e outros trabalhadores são parte dessa colcha de retalhos. É Portelli (1996), que ajuda mais uma vez a pensar que os sujeitos ao narrar suas histórias de vida se recusam a traduzi-las a um mero apanhado de fatos a disposição da filosofia dos outros. Sendo assim, importa refletir que Josildo fez questão de marcar que existe sim "bêbado", "drogado", "trombadinha", mas essa é só uma faceta dessas pessoas que têm suas histórias e suas dignidades, bem como há também o trabalhador que não pode, de acordo com seu entendimento, ser "enquadrado" nesse olhar generalizante e preconceituoso.

Para Josildo a Manaus Moderna significa espaço de sobrevivência. Para o depoente, é apesar, e em função, do tumulto daquela espacialidade, que ele pode dar o que considera uma vida digna à sua família.

A fala dele também aponta para um discurso que é bastante difundido nos meandros da Manaus Moderna e ecoa vez ou outra através imprensa local que é intenção do poder público de retirar o porto improvisado daquela espacialidade para torná-la mais atraente ao olhar dos turistas/visitantes. Há inclusive projeções de uma construção de um parque. A ameaça é algo que paira constantemente nas mentes daqueles trabalhadores.

A retirada do porto significa, para Josildo, e para muitos outros, a retirada de sua sobrevivência. O que alguns grupos sociais enxergam como degradação e sujeira é visto por esses trabalhadores como oportunidade de sustento próprio e de suas famílias.

Josildo revela ainda que existe uma diversidade de sujeitos, oriundos de situações e mesmo lugares bastante distintos que têm na Manaus Moderna seu lugar de sobrevivência. Em sua fala, pode-se notar dois aspectos contraditórios. Por um lado, ele apontou certa rivalidade com "os que vêm de fora", pois entende que estes estão tomando o lugar dos amazonenses. Entretanto, por outro lado, também apontou as amizades que fez e as possibilidades de trocas de experiências.

O depoente, ao ser perguntado sobre os trabalhadores que vêm de fora, disse:

> Olha, aqui é essa misturada toda que a senhora pode ver, né? Tem gente de tudo o que é canto, Ciará, Maranhão, Rondônia e por aí vai. O problema é que o caboco daqui já tem a dificuldade de se mantê, e vem o povo de fora, acaba tomando nosso espaço mesmo, né?[...] [...] Eu mesmo tenho muitos conhecidos que é cearence, paraibano, maranhense, e a gente sabe muitas coisa de lá...

Na História recente de Manaus, pelo menos desde a segunda metade dos anos 1960, a migração tem sido um elemento importante de conformação da cidade como já foi dito anteriormente. Migrantes vieram e ainda vêm de diversas partes do país, principalmente do Norte e Nordeste e também do interior do Amazonas. Desse modo, não é difícil encontrar esses migrantes trabalhando naquela área, seja como carregadores, seja desempenhando outras atividades, como feirantes na Manaus Moderna. A área da Manaus Moderna se mostra enquanto espaço privilegiado desses vários migrantes na cidade de Manaus.

Joseílson é maranhense, feirante desde os 8 anos de idade, e mora em Manaus desde 1999 porque, segundo ele: "*Todos nós lá em cima, ao completar os seus 18 ano, então o futuro dele* é... é sair aventurando, né, outros estados – Amazonas, São Paulo... Então eu vim parar aqui no Amazonas"(Em 10/12/2005).

Na fala de Joseílson, pode-se notar como ele lida com as contradições postas pela vida. Ele contou que, como muitos nordestinos, veio para Manaus "se aventurar", buscando construir um futuro melhor. Para esse trabalhador, a área da Manaus Moderna adquiriu um sentido para além da sobrevivência: de uma oportunidade acolhedora. Ele disse que costuma brincar que a Manaus Moderna é, na verdade, "mãe moderna". Pois, ali, há oportunidade de trabalho e, até mesmo, de moradia.

Ele contou:

> Eu vim trabalhar direto aqui na Feira Manaus Moderna, trabalhava e morava durante 6 meses num... num box, então é... Muitas pessoas perguntava: " – E aí, onde tu mora?" Eu dizia: " – Ah, eu moro lá no Hotel Moderna". Aí... eu num... mas tu nem lembrava que ficava no centro da cidade e tal, mas eu nem lembrava o endereço. Aí... aí, com o tempo, é... eu vim conhecendo mais... (Em 10/12/2005)

Compreender a cidade significa antes de mais nada compreender as pessoas que constroem, disputam e desfrutam desses espaços. Significa buscar entender seus "modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar e de se divertir dos moradores que, com suas ações, estão impregnando e construindo a cultura urbana" (FENELON, 1999:6), pois a cidade não pode ser vista como um todo homogêneo. Sendo constituída de valores e projetos distintos, deve ser entendida como um todo heterogêneo. No dizer de Henri Lefebvre (2004):

> A cidade é obra, a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. (Pag. 46-47)

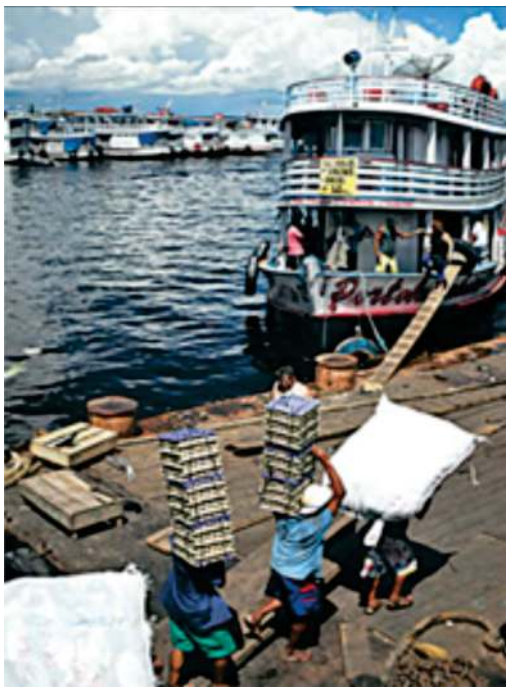
O depoimento de Joseílson assim como o de outros trabalhadores instiga e possibilita olhar a cidade enquanto prática social. Para ele, Manaus tem significado a partir da área da Manaus Moderna. Foi naquele espaço que ele chegou e se instalou, viveu por seis meses sem conhecer o restante da cidade e estabeleceu ali suas relações de amizade e de trabalho. Como ele mesmo apontou, foi somente "*com o tempo, é... eu vim conhecendo mais*". Para ele, a área da Manaus Moderna é o espaço em que cidade ganha sentido. Importa reafirmar, portanto, que a história da cidade só tem sentido quando se busca compreender essas vivências, essas lutas cotidianas em defesa de interesses diversos, os modos de morar, trabalhar, se divertir e viver. A cidade é, nesta perspectiva, palco e também resultado de experiências múltiplas.

As Fotografias 1 e 2 revelam um cotidiano de trabalho bastante peculiar nas proximidades da Manaus Moderna, que também se mostra assim:

Fotografia 1 - Carregadores da Manaus Moderna carregam os barcos que saem com passageiros e mercadorias para inúmeros lugares. Fonte: Imagem publicada no Jornal "A Crítica" (edição on-line, de 16 de maio de 2005).



Fotografia 2 - Produtos sendo carregados.



Fonte: Revista Planeta (2008).

Ao eleger a fotografia como fonte histórica, não se pode esquecer que esse artefato, apesar de ser considerado "como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra" (DUBOIS, 1993:25), não apresenta essa realidade objetiva que propõe, não é uma verdade irrefutável. Ao contrário, é preciso se ater ao fato de que a fotografia é uma construção subjetiva.

A fotografia comporta várias subjetividades, como esclareceu Boris Kossoy (2007). É preciso levar em conta o escopo do fotógrafo que posiciona a objetiva, escolhe o ângulo, recorta a realidade. Também se faz necessário refletir os objetivos daquele que se deixa fotografar ou de quem encomenda a fotografia ao fotógrafo, quais os interesses, que imagem quer passar de si, que memória deseja perpetuar.

Perpetuando a memória num tempo paralisado e num espaço recortado, no dizer de Boris Kossoy (2007:133), "uma fatia de vida, retirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem", essa imagem se apresenta de forma silenciosa, impulsionando o olhar e a leitura a partir de seu interior, pois é aí que se encontra o "seu discurso".

Nesta direção, dentre os muitos aspectos que podem ser observados nas fotografias acima, a presença dos carregadores de mercadorias é, sem dúvida, o mais marcante. O trabalho desses carregadores na área da Manaus Moderna consiste em levar para os barcos as mais diversas mercadorias que serão transportadas para outros municípios e também descarregar os barcos que chegam com produtos advindos dos mais variados locais.

As imagens instigam a refletir sobre o fato de que esses trabalhadores vêm impondo sua presença naquela espacialidade por sua importância para aquela atividade econômica, a despeito de reiterados esforços para retirá-los. Mesmo quando são obrigados a se retirar dali, nota-se que esses trabalhadores têm buscado mecanismos de se reinserir, se reintegrando ao espaço, marcando-o com sua presença e com seu modo de trabalhar e de ser.

Josildo, ao falar sobre as dificuldades enfrentadas para se manter trabalhando naquela espacialidade, fez uma interessante reflexão:

> Quando tá chegando a eleição, todos eles defende o trabalhador daqui, seja o carregador, os ambulante, todo mundo aqui. Mas passou um dia que eles tomou posse, eles já querem tirar o morador de rua, o trabalhador, daqui, né... Fala que é para deixar aquela parte da cidade limpa, preparada pros turista. Em vários momentos, eles querem tirar à força, como já aconteceu, né? Algumas vezes. Aqui é um leão por dia. Eu do meu lado lhe digo uma coisa, eles não conseguem me tirar daqui porque eu sei que não existe uma lei que proíbe o ser humano de trabalhar, de ganhar sua sobrevivência.

Importa notar, aqui, como esse trabalhador tem clareza de que boa parte dos representantes públicos têm se comprometido com as classes detentoras do poder econômico que desejam ampliar cada vez mais seus ganhos.

Sua fala evidencia a luta de classes que tem se estabelecido na cidade de Manaus. E é dessa forma, enfrentando os interesses dos grupos que queriam, à época de seu depoimento, transformar a Manaus Moderna numa área turística e assim poder lucrar mais, que muitos trabalhadores vão, ora resistindo, ora se conformando, ora se integrando aos interesses dominantes, garantindo sua sobrevivência.

É possível perceber ainda, pelas fotografias acima, práticas que vêm se mantendo ao longo dos anos, como por exemplo, o carregamento da mercadoria realizado nos próprios ombros.

As inúmeras e diversificadas mercadorias compradas, na maioria da vezes, por interioranos, bem como uma multiplicidade de peixes (pescados nos diversos rios da região), verduras e frutas (provenientes do Nordeste e Sudeste do país), têm um ponto de encontro na Manaus Moderna. É em seu porto improvisado que essa multiplicidade de mercadorias aporta, cabendo a esses carregadores fazer o transporte.

Em dezembro de 2008, uma revista de circulação nacional trouxe uma reportagem sobre o porto improvisado da Manaus Moderna e, destacando o trabalho dos carregadores, apontou alguns elementos interessantes:

> Nesse caótico mundo de Manaus Moderna, torna-se imprescindível a presença dos carregadores, que, tal como formigas obreiras, levam a mercadoria das ruas para dentro dos navios. Alguns impressionam pela força e destreza com que equilibram os produtos transportados - o que, claro, também tem seu preço: Salvanei de Oliveira carrega quatro sacos de laranjas de uma só vez, algo em torno de 120 quilos, o que lhe rende R$ 1,50. Em um dia bom, chega a tirar R$ 150 – ou seja, repete cem vezes o esforço que já parece hercúleo se executado uma única vez (REVISTA PLANETA, 2008).

O artigo apontou a importância dos carregadores naquela espacialidade, dizendo que sua presença é "imprescindível" naquele espaço. Entretanto, há que se notar que o destaque recai sobre o esforço "hercúleo" despendido por aqueles trabalhadores no exercício de sua profissão, e, ainda, não deixa de imprimir uma visão preconceituosa e generalizante daquele grupo de pessoas.

É preciso estar atento ao fato de que a informação não é neutra, mas se configura enquanto um discurso construído. Sendo assim, o jornal ou, no caso, a revista, não revela a verdade objetiva dos fatos, muito pelo contrário, o uso da imprensa enquanto fonte pressupõe a percepção de que esse discur-

so é permeado pela subjetividade, pela postura política do proprietário, dos articulistas, e ainda,

> Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico no decorrer de toda pesquisa desde a definição do tema à redação do texto final. A Imprensa é linguagem constitutiva do social, detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa / sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (CRUZ; PEIXOTO, 2007:258).

Ao assumir interesses diversos, sejam eles de grupos ou facções, torna-se possível perceber através do discurso jornalístico "tensões e conflitos que permeiam a própria sociedade". Nesta direção, a importância dessas fontes está na medida em que mostram a possibilidade de apreender "múltiplas dimensões do viver social" (PINHEIRO, 2001:11), não como um mero instrumento de comunicação livre de subjetividades,

Cabe destacar que os trabalhadores são tratados, na citada reportagem, como "formigas obreiras", ou seja, o articulista buscou imprimir àqueles trabalhadores uma conotação até mesmo primitiva. Ao chamá-los de "formigas", buscou retirar sua humanidade, os conflitos, as lutas vivenciadas na materialidade do dia a dia, para aproximá-los de meros animais irracionais.

Entretanto, quando se observa o depoimento de Josildo em contraponto ao trecho destacado, o foco recai sobre outro aspecto. Em sua fala, o que se destaca é a "importância" de seu trabalho. O esforço empreendido não ocupa muito espaço em suas reflexões, a não ser para reforçar a importância de sua atividade.

Ao ser questionado sobre a importância que atribuía ao seu trabalho, o depoente acrescentou que:

> É sim... É um trabalho importante, por que tu vê, né? Se num existisse o carregador, quem ia fazê nosso serviço? Porque tu tem que tê pique! Tu tem que tê... corage. Ficá nesse desgaste aí, num é pra qualquer um não... Tu tem que sê profissional no negócio... (Em 22/04/2010)

Esse trabalhador tem uma relação bastante sedimentada com essa atividade. Ele faz questão de ressaltar, que se "*profissionalizou*" enquanto carregador. E que a profissão, como qualquer outra, comporta exigências – nesse caso, muita força física –, bem como comporta riscos, e que ele, enquanto profissional, assumiu tais exigências e tais riscos.

As fotografias, o artigo destacado, assim como a fala de Josildo, também chamam a atenção para a diversidade de mercadorias transportadas, o que aponta para a dinâmica daquela espacialidade. Pode-se observar nas imagens o transporte de uma infinidade de mercadorias, como colchões, ovos, sacos com mantimentos e muitas caixas com frutas e verduras. Isso indica a importância desse espaço tanto para a cidade Manaus como para outras cidades do interior, sendo porta de entrada e saída das mais diversas relações da cidade. A cidade pulsa e existe naquele espaço.

A fala de Josildo é esclarecedora desse cotidiano pulsante. Ele trabalha por conta própria, realizando transporte das mais diversas mercadorias para o interior dos barcos.

> Carrego de tudo, né? Desde alimento, bebida que o pessoal compra pra vendê no interior, roupa, de tudo que tu pudé imaginar aparece por aqui pra gente fazê esse transporte [...] Aí tu cobra de acordo com o que tu combina com o cliente, né? Às vezes, tu tá num aperreio, qualquer um que entra já te alivia, né? (Em 22/04/2010)

"*De tudo que tu pude imaginar*". É assim que Josildo traduz a infinidade de mercadorias que passam por ele cotidianamente. São interioranos que vêm comprar mercadorias para revender em suas cidades. Desde roupas, materiais de pesca, bebidas, colchões e muitos outros objetos fazem parte da paisagem da Manaus Moderna.

Em 16 de maio de 2005, o caderno "Cidades" do diário local "A Crítica" enfatizava as dificuldades enfrentadas cotidianamente pelos usuários do porto da Manaus Moderna, retratando a área da seguinte forma:

> A vida na Manaus Moderna (orla do rio negro que compreende a área da antiga escadaria dos remédios e adjacências), pulsa em uma frenética e caótica engrenagem. Calor, mau cheiro, sujeira, engarrafamento, vendedores ambulantes, **carregadores**, flanelinhas, som de buzina, catadores de lixo, caminhoneiros, assaltantes, bêbados [...] (grifo nosso).

Ao retratar o frenesi do espaço onde as pessoas transitam, numa área extremamente disputada, a matéria também deixa pistas para refletir sobre o cotidiano de trabalho na área da Manaus Moderna. Importa perceber como esse espaço comporta uma multiplicidade de micromercados, como "vendedores ambulantes, flanelinhas, catadores de lixo", congregando os mercados "legalizados" e os inúmeros micromercados "extraoficiais".

Na Manaus Moderna, o comércio "oficializado" de hortigranjeiros e pescados de feirantes que atuam no Mercado e na Feira Manaus Moderna convive e possibilita a emergência dos vendedores ambulantes, dos moradores de rua que sobrevivem daquilo que é tido como "lixo das feiras", bem

como dos flanelinhas que buscam sua sobrevivência vigiando os carros que ali estacionam.

Na sequência, o artigo citado enfatizava que essa rotina pulsante se inicia antes mesmo de o dia nascer:

> O dia começa cedo para quem vive da feira, antes do nascer do sol, com a chegada dos barcos que ancoram nas balsas do porto carregadas de peixe. Às 3h, quando a maior parte da cidade ainda dorme, trabalhadores como o carregador Aldemar Dias, 35, já estão de pé para garantir o sustento. Entre o sobe e desce das escadarias, muitos buscam nas pequenas doses de cachaça a força para resistir ao cansaço (JORNAL A CRÍTICA, publicado em 16 de maio de 2005).

O movimento se inicia cedo, no ritmo da chegada do pescado, das verduras e frutas. É comum ver grande movimento lá pela 1 hora, 2 horas, 3 horas da madrugada. A dinâmica é dada de acordo com a chegada das mercadorias.

Com um trabalho desgastante fisicamente e bastante concorrido, os carregadores têm se constituído enquanto pessoas fundamentais naquela área, que também comporta uma gama variada de microcomércios, fazendo desse espaço na cidade um espaço fundamental para a sobrevivência dessas pessoas.

Diante desse cenário, é possível perceber que, entre várias expectativas que a área da Manaus Moderna comporta, certamente a esperança de muitos trabalhadores que a veem como espaço de oportunidade de trabalho para obtenção de seu sustento se faz presente de forma fundamental.

Obter o sustento também é a expectativa de muitas pessoas que vivem ou perambulam pela Manaus Moderna em busca daquilo que, para muitos, é considerado resto, ou mesmo lixo. Para essas pessoas, essa área significa um espaço de onde é possível retirar o mínimo para a sua sobrevivência.

A atividade dos catadores, ainda que seja uma situação extrema, é também uma estratégia de sobrevivência que, muitas vezes, é combinada com outros trabalhos, tanto desse trabalhador como de sua família, para garantia da vida. Por outro lado, também sinaliza a falta de crítica a uma sociedade de consumo e desperdício, em que o sustento de uns é considerado lixo e resto por outros.

A fotografia abaixo, foi publicada em 23 de abril de 2003, na primeira página do jornal diário "Amazonas em Tempo":

Fotografia 3 Pessoas em busca de frutas e verduras nos contêineres da Manaus Moderna.



Fonte: Imagem publicada no Jornal "Amazonas em Tempo", em 23 de abril de 2003.

Essa imagem apresenta uma cena corriqueira no entorno da Manaus Moderna. São pessoas que vêm em busca de frutas e verduras que são consideradas, pelos feirantes e seus clientes, como restos/lixo.

A reportagem que a fotografia em questão ilustrava se intitulava "**Paisagem feita de lixo**". Assinada por Patrícia Almeida, a matéria apresentava um panorama bastante decadente da Manaus Moderna.

O texto se iniciava da seguinte forma:

> A Manaus Moderna fede, ponto de atração turística da cidade, o entorno da Manaus Moderna mais assusta do que revela a beleza da capital do Amazonas. Passar pela avenida Beira Rio virou um verdadeiro tormento para a população que além de enfrentar engarrafamentos, precisa conviver com lixo e mau cheiro (JORNAL AMAZONAS EM TEMPO, publicado em 23 de abril de 2003).

Mais adiante, a reportagem continuava dando conta do lixo que boia na época em que o rio sobe, dos "bêbados e drogados" que incomodam os pedestres, do trânsito caótico, entre outras mazelas vividas naquele espaço.

Após discorrer acerca de todas essas questões, vinha o subtítulo: "**Comida**", no qual a articulista apontava que:

> Empurrados pela miséria, muitas famílias encontram nos contêineres de lixo da Manaus Moderna, o alimento de cada dia. Apesar do aspecto sujo e do mau cheiro dos depósitos de lixo, diariamente mulheres, homens e crianças disputam verduras e frutas que foram jogadas fora pelos feirantes (JORNAL AMAZONAS EM TEMPO, publicado em 23 de abril de 2003).

E continuava, dizendo que:

> Alheios, ao sentido da palavra "cidadão", a maioria deles não acha humilhante catar comida no lixo. "Não é lixo, dá para aproveitar muita comida que é jogada fora", comenta a aposentada Maria Ferreira, 67 anos, que afirma já ter se acostumado com o mau cheiro do contêiner (JORNAL AMAZONAS EM TEMPO, publicado em 23 de abril de 2003).

Os três trechos da reportagem aqui transcritos remetem a alguns elementos bastante elucidativos acerca das disputas vivenciadas na área da Manaus Moderna. Em primeiro lugar, vale notar a aproximação do discurso jornalístico ao discurso do poder público municipal (dos grupos os quais representa), que enxerga aquela área enquanto espaço degradado que "esconde a beleza da cidade" e, consequentemente, alerta para a necessidade de saneá-lo.

Outro elemento a ser refletido refere-se à imagem que o artigo quer passar dos catadores que ganham a vida no entorno da Manaus Moderna. Segundo a autora da reportagem, os catadores foram empurrados pela miséria e vivem destituídos de cidadania, numa situação, que a seu ver, é humilhante.

Entretanto, observando a fala de uma catadora, entrevistada pela jornalista pode-se notar que ela vai justamente à contramão desse discurso. Quando a Sra. Maria Ferreira disse que: "*Não é lixo, dá para aproveitar muita comida que é jogada fora*", ela estava apontando para a jornalista outra narrativa de sua condição, até porque ela é aposentada e, mesmo que essa aposentadoria seja suficiente, ela defende sua condição de catadora.

Desse modo, a atividade de catadora, ao que parece, se apresenta enquanto um complemento que ajuda na sua sobrevivência e de sua família, e ainda traz implícita uma crítica ao desperdício cotidiano da Feira Manaus Moderna, na medida em que percebe que muitos alimentos jogados no lixo podem ser perfeitamente utilizados.

Para ela, aquilo que é considerado lixo para os consumidores/clientes da Feira Manaus Moderna é, na verdade, um grande desperdício. Ela claramente apresenta uma crítica à sociedade do consumo quando disse com toda convicção à jornalista: "*Não é lixo*".

Essa questão pode ser observada na continuidade do texto, quando a articulista explicou que:

> Com os olhos atentos, Maria espera que os feirantes despejem frutas e verduras nos contêineres da Manaus Moderna. Com as mãos ligeiras, ela cata pimentas, tomates e folhas de couve que pretende preparar para o almoço que vai alimentar os cinco netos. Ela conta que antes de comer ela lava com cuidado as frutas e verduras que apanha na Manaus Moderna (JORNAL AMAZONAS EM TEMPO, publicado em 23 de abril de 2003).

Mesmo insistindo em passar sua visão dos catadores da Manaus Moderna enquanto catadores de lixo, o texto não consegue se sobrepujar à fala da entrevistada. A Sra. Maria fez questão de esclarecer à sua interlocutora, que bem higienizados, os alimentos colhidos nos contêineres da Manaus Moderna servem perfeitamente para alimentar a sua família.

A fala e atitude da Sra. Maria impõem uma reflexão acerca de valores e atitudes numa sociedade capitalista que segue a lógica do consumo para gerar maior lucro. Nesse sentido, a Sra. Maria tem clareza de que um alimento que se encontra, por exemplo, apenas amassado em função do transporte ou do mau manuseio não pode ser considerado lixo e simplesmente ser descartado, tendo em vista uma grande parcela da população que não tem acesso suficiente a ele.

Importa entender, ainda, como essas pessoas são percebidas por grupos das elites representadas pelo poder público municipal. Nota-se, que elas são vistas como "problemas", cuja solução passa pela necessidade de afastá-las, no mínimo, do campo de visibilidade.

Em 10 de dezembro de 2005, o então administrador da Feira Manaus Moderna, Sr. Ivo Ribeiro de Almeida, comentando sobre a presença dos catadores no interior e arredores da feira, chamava a atenção para uma questão importante. Segundo ele:

> As próprias mães trazem os filhos, elas catam lá fora, porque aqui, hoje, nós tamos coibindo com o pessoal da SEMULSP[12], e os filhos vêm pra dentro da feira quando são meninas, aí... meninos e meninas, então o que que nós tamos fazendo hoje, uma vez na semana, é incerto, nós chamamos o pessoal da SEMINF[13], que é a Secretaria da Infância e... nós mandamos... recolhemos eles, para fazer o serviço, orientação, há a recusa, tal, aquele negócio todo, mas eles vão, tá! Aí, nós tamos ajudando nesse trabalho dessa forma, com as crianças. (Em 10/05/2005)

[12] SEMULSP (Secretaria Municipal de Limpeza e Serviços Públicos).

[13] SEMINF (Secretaria Municipal de Infância e Juventude).

Aqui, importa perceber a forma como o poder público, na pessoa de seu representante, lida com a situação e busca soluções. O "problema" é visto em duas perspectivas que geram, por conseguinte, duas frentes de solução.

Primeiro, o "problema" é visto como questão de sujeira e, para isso, faz-se necessário que se promova uma limpeza. Então, chama-se a Secretaria responsável pela limpeza pública, retira-se o "lixo" e, com isso, acredita-se que os "indesejáveis" ocupantes do espaço não mais se farão presentes.

Em segundo lugar, o "problema" também é visto como uma questão de delinquência, o que exige um trabalho de regeneração, que pode ser obtido a partir de orientação, e quem sabe, até com punições, já que há uma recusa desses menores de se encaminharem à SEMINF. Para isso, conta-se com o trabalho da Secretaria responsável pelo "recolhimento" e "orientações desses menores".

Dessa forma, a solução que tem sido encontrada parece ser mesmo uma tentativa de afastamento dessas pessoas. Isso é dito de forma clara pelo Sr. Ivo, no decorrer da conversa:

> Mas juntando a parte da SEMULSP, que é a Secretaria Municipal de Limpeza Pública, à própria SEMAF[14], nós estamos conseguindo controlar isso, a limpeza melhorou... Os catadores estão mais distantes, isso pra gente tem... tem nos dado uma ajuda muito boa. (Em 10/05/2005)

Muitas vezes vistas como "problema" de saneamento, aquelas pessoas vão resistindo e na disputa pelo seu espaço, vão imprimindo suas vivências na configuração da Manaus Moderna.

Compreender aquela espacialidade passa pela reflexão de que aquele espaço comporta múltiplos significados. Sendo assim, deve ser entendida enquanto espaço de oportunidade de trabalho e também local de não trabalho; como espaço degradado, mas também como lugar para se viver e morar.

"*Aqui, se você não for um pouco mais esperto que os outros, acaba se perdendo*". O conselho dado pelo Sr. Milton Tavarez ao articulista do jornal "A Crítica" aponta para um outro importante elemento da Manaus Moderna: viver e trabalhar ali exige certa habilidade (A Crítica", em 20 de agosto de 2005).

Habilidade essa que só a experiência de viver ali confere. O Sr. José Moraes da Paz é camelô, casado, 45 anos de trabalho na área da Manaus Moderna, e contou, com certo orgulho, que, trabalhando naquele espaço, adquiriu a esperteza e a sagacidade que o cotidiano ali exige. Segundo o Sr. José:

[14] SEMAF (Secretaria Municipal de Abastecimento, Mercados e Feiras).

> A gente vai dando os pulo da gente, né? Vai conseguindo sobreviver... que ... Até porque a gente num é besta, né? A gente sabe... tantos anos na Marquez [**Marquez de Santa Cruz é uma rua comercial nas imediações da Manaus Moderna e está indicada no mapa 1deste trabalho**] vai deixar um cabra embrulhar a gente? Num deixa mesmo!. (em 28/06/2008,)

Assim, diante da grande concorrência, a "desonestidade", como é vista pelo Sr. José, muitas vezes se faz como estratégia de sobrevivência. Ao chamar a atenção para esse aspecto, o Sr. José disse que não gosta de camelô, porque, apesar de muitas vezes existir entre eles certa solidariedade, na maioria das vezes a concorrência fala mais alto do que a amizade, levando esses trabalhadores a serem "*desonestos uns com os outros*", de acordo com seu pensamento.

Configurando-se como espaço de grandes contradições, a Manaus Moderna evidencia as próprias contradições da cidade e traz, em seu bojo, lutas e conflitos de diferentes grupos sociais. Esses conflitos revelam valores distintos, projetos diversificados que se confrontam e convivem, configurando os espaços na cidade. A Manaus Moderna, portanto, se configura, atualmente, num espaço fundamental e vital para a cidade de Manaus, e, ao buscar compreendê-la, é preciso estar atento aos inúmeros aspectos que ela comporta. E é preciso estar atento, também, aos sentidos atribuídos àquele espaço pelos diversos personagens que a compõem.

Referências:

Fontes Orais

Nome: **CALIANE GONÇALVES**
Data da entrevista: 22 de abril de 2010.

Nome: **IVO RIBEIRO DE ALMEIDA**
Data da entrevista: 10 de dezembro de 2005.

Nome: **JOSÉ MORAES DA PAZ**
Data da entrevista: 28 de junho de 2008.

Nome: **JOSEÍLSON**
Data da entrevista: 10 de dezembro de 2005.

Nome: **JOSILDO DOS SANTOS**
Data da entrevista: 22 de abril de 2010.
Entrevistadora: Patrícia Rodrigues da Silva.

Nome: **MÁRCIO ROBERTO ROCHA AGUIAR**
Data das entrevistas: 20 de abril de 2005 e 27 de junho de 2007.

Fontes Diversas

_____. **Imagens aéreas de Manaus**. [S.l.], 2007. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=523393>. Aceso em: 20 nov. 2008.

JORNAL AMAZONAS EM TEMPO. Manaus, 23/04/2003.

JORNAL A CRÍTICA. Manaus, 23/02/2003.

_____. Manaus, 16/05/2005.

_____. Manaus, 20/08/2005.

REVISTA PLANETA. **Manaus Moderna**: No vaivém do grande mercado das águas. São Paulo, dez. 2008. Disponível em: <http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/435/artigo119715-1.htm>. Acesso em: 25 ago. 2009.

Bibliografia

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. IN:VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BECKER, Bertha K. **Geopolítica da Amazônia.** A fronteira de recursos. RJ: Zahar,1982.

_____. **Amazônia.** Geopolítica na virada do III milênio. RJ: Garamond, 2009.

BENTES, Rosalvo Machado. **A Zona Franca e o processo migratório para Manaus**. 1983. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 1983.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidades: espaço e memória. In: SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória**. São Paulo: DPH, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COSTA, Francisca Deusa Sena. **Quando viver ameaça a ordem urbana**: trabalhadores urbanos em Manaus (1890/1915). 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do Fausto:** Manaus, 1890-1920. 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico.** Campinas, SP: Papirus, 1993. (Série Ofício de Arte e Forma).

IANNI, Octavio. **Colonização e contra reforma agrária na Amazônia.** Petrópolis, RJ, 1979.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê, 2007.

LEFEBVRE, Henri. O **direito** à **cidade**. São Paulo: Centauro, 2004.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros**: trabalho e conflito no porto de Manaus 1899-1925. 2. ed. Manaus: EDUA, 2003.

_____.**Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). 2001. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Dossiê Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/DPH. São Paulo: DPH, 1992.

REIS, A.C.F. **A Amazônia e a cobiça internacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1982.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Artigo recebido em 27-06-2014, revisado em 04-10-2014 e aceito para publicação em 20-10-2014.